



PSICANÁLISE

Bernardo Tanis

Circuitos da solidão

Entre a clínica e a cultura

3ª edição

Blucher

CIRCUITOS DA SOLIDÃO

Entre a clínica e a cultura

Bernardo Tanis

Circuitos da solidão, 3. ed.

© 2025 Bernardo Tanis

1ª edição, 2003; 2ª edição, 2004

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Ana Cristina Garcia

Preparação de texto Ariana Corrêa

Diagramação Mônica Landi

Revisão de texto Equipe de produção

Capa Juliana Midori Horie

Imagem da capa Equipe Editora Blucher

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Tanis, Bernardo

Circuitos da solidão : entre a clínica e a cultura / Bernardo Tanis. – 3. ed. – São Paulo : Blucher, 2025.

184 p. : il.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2625-3 (Impresso)

ISBN 978-85-212-2626-0 (Eletrônico – Epub)

ISBN 978-85-212-2623-9 (Eletrônico – PDF)

1. Psicanálise. 2. Solidão. 3. Subjetividade. 4. Psicanálise e cultura. 5. Clínica psicanalítica. I. Título.

CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

CDU 159.964.2

Conteúdo

Apresentação	9
Prefácio à 3ª edição	13
Introdução	15
1. Solidão e subjetividade	25
2. Manifestações da solidão	57
3. Solidão e psicanálise	91
4. Solidão e mal-estar	143
Conclusão	173
Referências	175

Apresentação

Caro leitor, este livro é fruto de uma série de inquietações originadas na clínica cotidiana e em várias manifestações da nossa cultura. A motivação que ganhou expressão na metáfora: visitador de solidões, resultou em uma tese de doutoramento defendida no programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), cujo texto apresento aqui com pequenas modificações.

Desenvolvi um estudo sobre solidão, suas raízes na cultura, sua emergência na literatura e na clínica cotidiana. Duas ideias principais nortearam este trabalho: a) a importância dos processos de subjetivação na modernidade e em nossos dias, os modos particulares que imprimem às vivências de solidão e os desafios resultantes desses processos para a clínica psicanalítica; e b) a polissemia da solidão, a multiplicidade de suas formas, significados e estados afetivos como observados e compreendidos pela psicanálise.

A primeira me conduziu a pesquisar a história da solidão no Ocidente, especialmente no período da modernidade. Recorri à literatura desse período, entendendo-a como espaço no qual a crise do indivíduo moderno e a solidão na sua polissemia ganham expressão.

A segunda foi desenvolvida a partir da metáfora “circuitos da solidão”, como instrumento heurístico para investigar as solidões e compreendê-las à luz dos conceitos desenvolvidos pelas diferentes teorias psicanalíticas. Destaquei o papel central que a solidão ocupa na dinâmica psíquica.

Logo voltei-me para a solidão e o mal-estar na atualidade, procurando retomar o aspecto híbrido deste livro: o psicanalítico imbricado no social e cultural. Constatei, como muitos, que hoje a solidão se agudiza e demanda respostas urgentes. A solidão revisitada na perspectiva deste trabalho recupera a história social encriptada no sujeito individual, o que nos permite ampliar a perspectiva do ato psicanalítico. Apontamos, assim, na direção de uma singularização da clínica das solidões que pode auxiliar na recuperação do potencial transformador e criativo da solidão, tanto no campo da subjetividade individual como no corpo social.

O leitor encontrará nesta obra breves narrativas clínicas necessárias para explicitar certos processos. As histórias foram transformadas a ponto de dificultar qualquer identificação. Conforme apresentadas, ilustram mecanismos psíquicos na sua universalidade. Nesse sentido, podem ser encaradas como material de ficção, no qual muitas vezes nos reconhecemos e vemos retratados nossos comportamentos, conflitos e emoções.

Não poderia encerrar esta apresentação sem registrar meu agradecimento às pessoas que tornaram esta empreitada possível. Em primeiro lugar a Renato Mezan, orientador e amigo, pela confiança sempre renovada, liberdade concedida, apoio e orientação. Aos amigos, colegas, professores e alunos das diferentes instituições psicanalíticas das quais participo e com os quais tenho, ao longo de anos, trocado experiências e compartilhado minhas inquietações e dúvidas: Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, Departamentos de Psicanálise e Psicanálise da Criança do Instituto Sedes Sapientiae e Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica da

Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão (COGEAE-PUC I-SP). A Berta Waldman pelo interesse e ricas sugestões de leitura.

A Maíra, companheira, pelo nosso amor, pela sua paciência e leitura solidária e atenta dos originais. A meus filhos, Daniel e Ana, pelo estímulo, pelo amor que lhes devoto e porque encarnam meu desejo por um futuro melhor. A meus familiares e amigos que sempre estiveram próximos com seu carinho e estímulo.

A meus analistas e supervisores que me auxiliaram a transitar pelas minhas solidões e pela dos meus analisando sem invadi-las.

Ao CNPq pela bolsa de estudos concedida que possibilitou a realização da tese. À banca examinadora professores doutores: Fábio Herrmann, Luis Claudio Figueiredo, Néelson da Silva Junior e Yudith Rosembaum, pela leitura atenta e ricas sugestões. Finalmente à Fapesp pelo auxílio na primeira publicação deste texto.

Prefácio à 3ª edição

Circuitos da solidão: entre a clínica e a cultura retorna, em sua terceira edição, em um momento de particular ressonância. Vinte anos após a primeira publicação, em 2004, a temática da solidão ganha uma nova e pungente relevância à luz dos eventos globais recentes, especialmente a pandemia de covid-19.

Quando *Circuitos da solidão* foi originalmente concebido, já se percebia uma crescente agudização da solidão na cultura contemporânea, influenciada por uma “tecnologia massificante e por saídas narcísicas”. Esta obra, fruto de uma tese de doutoramento defendida na PUC-SP, buscava explorar as raízes culturais da solidão na modernidade, sua emergência na literatura e suas manifestações na clínica psicanalítica.

Hoje, essa constatação ecoa com uma intensidade ainda maior. A pandemia de covid-19 impôs ao mundo um isolamento em massa, forçando indivíduos e famílias a confrontarem a solidão de maneiras inéditas e dolorosas. As restrições sociais, o distanciamento físico e a incerteza generalizada exacerbaram sentimentos de isolamento, desamparo e perda, tornando a solidão uma experiência quase universal.

Abordamos a “polissemia” da solidão, a multiplicidade de suas formas, significados e estados afetivos. Não se trata de uma visão única; exploramos a solidão em suas diversas nuances: desde o isolamento imposto pelo poder, a solidão do sonhador e do contestador, até a solidão da diferença, de estar só em meio à multidão. Essa

diversidade de perspectivas é crucial para compreender a complexidade da experiência de ser na solidão.

Os “circuitos da solidão” propostos pelo autor – solidão e separação; solidão e manifestações do narcisismo; e solidão e identificação – oferecem um arcabouço valioso para analisar não apenas o impacto da pandemia na subjetividade, mas os diferentes modos de experimentar o isolamento. A dor da separação de entes queridos, a exacerbação de traços narcísicos em um mundo focado no individual e a busca por novas formas de identificação em um cenário incerto são apenas alguns exemplos de como essa reflexão ainda se mantém viva e relevante, apesar de também poder ser ampliada por novas reflexões que ficarão para outro momento.

Além disso, a discussão sobre o mal-estar na contemporaneidade e o conceito freudiano de desamparo ganham um peso dramático. As condições de atomização da subjetividade se agudizaram nestes últimos anos no contexto da sociedade neoliberal. Nesse cenário, a valorização extrema da individualidade, a competição acirrada, a flexibilização das relações de trabalho e a precarização dos laços sociais contribuem para a fragmentação do indivíduo, tornando-o cada vez mais isolado em sua busca por sucesso e reconhecimento. O foco no desempenho e na autossuficiência exacerba o narcisismo e dificulta a formação de vínculos profundos, substituídos por conexões superficiais e efêmeras. A “insuportável solidão imposta” pela covid-19 ressalta a urgência de retomar a “solidão revisitada” como um potencial transformador e criativo, tanto no campo da subjetividade individual quanto no corpo social.

Vinte anos depois, *Circuitos da solidão* não se propõe a ser um livro que oferece um panorama abrangente da solidão, e sim a se tornar uma ferramenta para refletir sobre as profundas transformações em curso e os desafios impostos pela experiência coletiva de isolamento e perda. Sua republicação é um convite a um diálogo contínuo entre a clínica psicanalítica e a cultura, em busca de novas formas de compreender e lidar com a solidão em um mundo em constante mudança.

Bernardo Tanis

Introdução

A força e a intensidade com a qual meus pacientes exteriorizam seus sentimentos de solidão e isolamento no contexto transferencial me mobilizaram a estudar esse assunto em maior profundidade. Filmes como: *Felicidade* (*Happiness*, do diretor Todd Solondz, 1998), *Denise está chamando* (*Denise calls up*, de Hal Salwen, 1995), *Festa de família* (*Festen*, de Thomas Vinterberg, 1998), revelam certos padrões subjetivos que convocam nossa atenção e nossa interrogação. Eles contribuíram para reforçar minha determinação em abordar esta temática. Não se tratam apenas de críticas à sociedade contemporânea, ou denúncias da hipocrisia da classe média, ou de seus costumes. Aludem muito mais a uma atomização da sociedade, a uma incapacidade de comunicação, a uma certa falência da linguagem, a um regime de atos compulsivos, sexuais ou outras adições.

A imagem alienada e solitária das personagens denuncia a solidão nas grandes cidades. As angústias não encontram contenção a não ser em atos compulsivos das personagens. Estas guardam uma surpreendente semelhança com muitos analisandos, na minha clínica ou em relatos feitos por colegas. Vivências de desencontro,

sentimento mórbido de solidão e desamparo, desesperança melancólica, sexualidade maníaca. Nossa cultura globalizada das grandes cidades parece ter homogeneizado a subjetividade.

Não é um tema fácil de abordar. Várias vezes estive a ponto de desistir, apesar do enorme interesse e da riqueza das leituras e experiências. Não é fácil porque estamos mergulhados nele. Não se trata de um conceito ou de um fenômeno do qual podemos guardar uma distância muito objetiva, uma neutralidade científica. O tema nos convoca a um contato direto com o outro de nós mesmos. Só pela figuração especular desse sentimento estranhamente familiar poderemos construir uma abordagem psicanalítica da solidão que possa trazer certa luz para nossa clínica. Não só como indivíduos, a solidão nos é conhecida, mas também como analistas, ocupando esse lugar que nos demanda uma singular relação com o próprio desejo.

A análise é para muitos um ato de confiança. Ao abrir as portas de suas solidões, os analisandos transpuseram barreiras inomináveis na busca de uma experiência analítica. Depositaram nessa a esperança de que, talvez na presença de um outro, poderiam conquistar um convívio menos destrutivo com a própria solidão. Esperança sem a qual não há análise possível. Quero dizer, caro leitor, que este livro está enraizado na intensidade de minha experiência clínica, embora não faça uma excessiva explicitação dela.

Evidentemente, a solidão não é um fenômeno recente. Sua presença em nossas vidas é de tamanha importância que muitos a destacam como condição existencial do ser humano.

A solidão se expressa em uma multiplicidade de estados. Do isolamento voluntário à exclusão. Da solidão do exílio, do imigrante, do estrangeiro àquela de quem se sente rejeitado e incompreendido na sua própria terra. Da solidão do gênio, da alienação. Da solidão do corpo, do qual emana a singularidade. Do angustiante sentimento de

solidão à solidão como reencontro com o self, fonte de criatividade e liberdade. Múltiplas solidões solicitam abordagens investigativas diferentes. Tanto a filosofia, como a sociologia e antropologia tematizaram a solidão. Também o fizeram a literatura, o cinema e outras artes. Acompanharemos principalmente sua emergência discursiva desde a Modernidade e as formas pelas quais parece se configurar na atualidade. Foi a partir desta, como nos mostra Peter Gay (1999) no seu valioso estudo sobre a Modernidade, que novas formas da subjetividade se configuram e por meio delas a solidão, como experiência do Eu, se manifesta e se faz ouvir.

A psicanálise, produto dessa mesma cultura, inventa um dispositivo, que, ao lado da poesia, dos diários íntimos, das outras manifestações artísticas, dará ouvido àqueles, cuja solidão estava excluída, confinada ao campo da alienação mental.

A ênfase dos estudos psicanalíticos tem sido no sentimento de solidão experimentado como estado de angústia, que visa ser superado à medida que se torna insuportável para quem o padece. Rosalato (1974) caracteriza a solidão como um sentimento penoso e doloroso de uma carência que faz referência aos outros.

Foram poucas as vozes na psicanálise que viram na solidão não apenas a expressão de angústia e nostalgia de uma completude perdida, mas também a possibilidade da experiência criativa que dela emerge.

Distante de ter um estatuto conceitual na psicanálise, essas solidões parecem não ter o lugar que merecem na nossa disciplina. Alguns analistas contribuíram com interessantes trabalhos sobre o tema, mas uma reflexão mais abrangente e o destaque de sua relevância na vida psíquica se torna imperiosa, a nosso ver, nos dias de hoje.

Os trabalhos daqueles que transitaram por essas paragens serão nossos companheiros de viagem nessa empreitada, qual seja, visitar algumas solidões e compreender os circuitos pelos quais transitam.

Como visitante não pretendo inventariar nem classificar solidões. Também não serei um colecionador. Há na solidão e na multiplicidade afetiva que a acompanha uma riqueza polissêmica que não desejo ordenar nem saturar conceitualmente.

Peirce, fundador da moderna Semiótica, ao estudar os signos em geral e o símbolo em particular destaca que o seu processo de formação não ocorre descontextualizado. Pelo contrário, a cultura, como contexto indissociável, estará sempre presente no processo de simbolização, logo na estruturação da subjetividade individual (Cf. Peirce, como citado em Santaella, 1995, p. 50).

Os diferentes contextos histórico-culturais ganham poder estruturante no binômio subjetividade-solidão. Assim, essa abordagem nos auxiliará também na compreensão da questão da solidão no mundo contemporâneo, dominado por uma tecnologia massificante e por saídas narcísicas. Procurarei apontar algumas correlações entre certas características, traços da nossa cultura e a experiência da solidão.

A distinção feita por Mezan sobre o termo subjetividade pode ser compreendida como experiência de si ou como condensação de uma série de determinantes. É a segunda acepção que nos interessa no momento, na medida em que situa o que entendemos por contexto:

Isto significa que nos interessamos pelos fatores que, combinados, engendram uma modalidade específica de organização subjetiva, um molde para as experiências individuais. Estes fatores são por natureza extra individuais, o que quer dizer que a subjetividade é resultado de processos que começam antes dela e vão além dela, processos que podem ser biológicos, psíquicos, sociais, culturais etc. Por isto, pode-se concebê-la como condensação ou sedimentação, num dado indivíduo, de determinações que se situam aquém ou além da experiência de si, e que de algum modo a conformam, ou pelo menos lhe designam certos limites e condições. (Mezan, 2002, p. 259)

Essa perspectiva é suficientemente ampla e esclarecedora para destacar esse movimento que vai do mundo para o Eu individual, e contribuir para sua conformação. Sem cair nas teorias ultrapassadas que opõem psique e mundo, ora vendo o segundo como projeção do primeiro, ora vendo a primeira como determinada exclusivamente pelas forças do segundo.

Freud fala da psicanálise como método de tratamento e teoria sobre o desenvolvimento e funcionamento do sujeito e como método de pesquisa. Gostaria de destacar o aspecto da pesquisa em relação aos outros dois formulados por Freud. Isso nos parece fundamental nos dias de hoje. Muitos adotam algumas das teorias produzidas sobre o sujeito, a partir da clínica psicanalítica, como um saber fechado a ser aplicado na experiência clínica. Outros, diante das demandas crescentes de soluções mágicas ou imediatistas, renunciam ao potencial transformador das práxis psicanalíticas e reforçam os campos das curas psiquiátricas ou os modelos adaptativos e ideológicos. Desse modo, a psicanálise se esvazia de seu papel questionador e heurístico da cultura.

Em contrapartida, a psicanálise readquire seu poder heurístico, em nossa perspectiva, como instrumento metodológico. Em outras palavras, não se trata tanto de um saber, mas de um fazer saber, como há muitos anos já dissera Regina Schnaiderman (1984). De orientar uma escuta em direção ao desconhecido do desejo inconsciente. Desejo que não se encontra determinado biologicamente, mas que se constitui como tal em um campo relacional face ao próprio corpo e ao semelhante. Esse vértice é fundamental como ponto de partida para abordar psicanaliticamente certos aspectos da contemporaneidade. Isso permitirá o diálogo com a sociologia, a antropologia, a história etc., levando em consideração a singularidade metodológica da psicanálise, evitando efeitos redutores ou culturalistas.

Não cabe dúvida quanto à competência e à contribuição da psicanálise para a compreensão e transformação de subjetividades

singulares e do sofrimento psíquico. Apesar das limitações e do próprio ceticismo de Freud, inúmeras pessoas se beneficiaram dessa prática e ela transformou a compreensão do homem ao apontar a dimensão inconsciente do desejo, das forças psíquicas que o governam, quebrando a ilusão de uma mente governada pura e exclusivamente pela consciência.

A agenda psicanalítica hoje vai além, e isso é testemunhado pelo crescente número de analistas que têm estudado o campo social, e implica a complexa relação entre o subjetivo individual e o social.

Isto significa que, no problema que nos concerne, que o problema psicanalítico deve ser formulado assim: de que modo o indivíduo, portador da realidade psíquica que a psicanálise é competente para investigar, se constitui e a constitui a partir de condições que não são psíquicas, mas que se situam aquém e além da psique? (Mezan, 2002, p. 266)

Essa agenda também foi expressa por Figueiredo, que há vários anos se dedica com muito empenho ao estudo dos processos de subjetivação:

Os estudos e pesquisas por nós realizados dedicam-se, prioritariamente, aos processos de subjetivação/de-subjetivação singularizantes em contextos socioculturais específicos – particularmente os da Idade Moderna e os da modernidade tardia no Ocidente e no Brasil – e aos processos de singularização implicados e associados na clínica psicanalítica. A grande questão, porém, é a de pensarmos os cruzamentos destas duas linhas de pesquisa, o que nos conduz tanto a uma “clínica do social” como a interpretações socioculturais da clínica psicanalítica. (Figueiredo, 2002)

Essa brevíssima consideração metodológica é necessária para situar o crescente interesse e necessidade de avançar nesse terreno, assim como constatar a complexidade que o envolve. Salientamos que nossa área de atuação é a psicanálise e sua clínica, dela partimos com interrogantes e para ela retornamos trazendo na nossa bagagem frutos desses diálogos com pesquisadores de outras disciplinas. Da mesma forma, esperamos que nossas contribuições possam ser úteis e enriquecedoras para o movimento que vai da clínica para a cultura.

Duas teses centrais norteiam este trabalho:

1. A importância dos processos de subjetivação na Modernidade e em nossos dias, os modos particulares que imprimem às vivências de solidão, e os desafios resultantes para o psicanalista.
2. A polissemia da solidão, a multiplicidade de suas formas e significados, seja ao longo da história seja nos estados afetivos como observados e compreendidos pela psicanálise.

A primeira conduziu a uma pesquisa, apresentada de modo sintético no Capítulo 1, dos aspectos históricos da solidão no Ocidente, destacando a emergência da noção de indivíduo na Modernidade. Destaquei a importância da passagem de uma sociedade holística para uma na qual o indivíduo como valor refunda o social. O racionalismo e o liberalismo glorificaram esse indivíduo que desfizera as amarras que o oprimiam em um universo social com lugares determinados. Mas esse indivíduo e sua representação no Eu entram em crise na modernidade tardia. As promessas não se cumpriram, alguns movimentos, como o Romantismo, se constituíram como revolta face ao desencantamento do mundo e à ditadura da razão instrumental, o liberalismo econômico levou a uma opressão das massas. Surgiram os movimentos revolucionários, o Eu e a consciência foram assombrados por forças inconscientes. Marx, Freud e Nietzsche, cada um no seu território, como faz notar Birman (2000), apontam a crise da modernidade.

Desse rico e vivo contexto, recorri à literatura e selecionei contos (como é difícil escolher!), que parecem revelar alguns dos impasses do indivíduo no fim do século XIX e início do século XX. Esses contos estão apresentados no Capítulo 2, “Manifestações da solidão”. Privilegiei, na seleção, impasses e crises do Eu, que aludem à solidão de diferentes modos. Não pretendo sustentar a tese de que a crise da modernidade implica solidão de modo direto e automático, mas, sim, destacar que esses autores, consagrados e extensamente analisados pela crítica literária, revelam nessas obras algo assim como um espírito de um tempo, no qual a solidão ganha certas configurações particulares.

A leitura dos contos é feita em três momentos: a primeira, no ato de sua apresentação na medida em que foi necessário apresentá-los ao leitor. Optei por narrar e citar alternadamente, obviamente isso não substitui sua leitura, mas acredito que preenche o objetivo de não ser um estudo literário. Exceção feita à narrativa de Kafka, que, por seu estilo particular, preferi, apenas na primeira leitura, citar sem narrar. A segunda leitura é feita nos comentários que se seguem a cada conto. Nos quais procurei reconhecer aspectos da solidão sugeridos e apreendidos pela leitura, bem como evocar outras solidões que a leitura dos contos trouxe à memória. Trata-se de uma via associativa livre, sem intenção de analisar essas solidões. Essa segunda leitura teve também a função de destacar pontos que abriram caminho para a formulação de questões psicanalíticas sobre a solidão, tratadas no Capítulo 3, “Solidão e psicanálise”. A terceira leitura está na seção “Circuitos da solidão”, em que o material dos contos passa a se misturar com narrativas de casos clínicos, tornando-se disparador de uma reflexão metapsicológica sobre a solidão.

O Capítulo 3 tem um cunho psicanalítico propriamente dito. Desenrola-se a partir de uma estratégia específica: a construção da metáfora de “circuitos da solidão”, decorrência direta de minha tese sobre a sua polissemia. Usei esses circuitos como recurso heurístico

para pesquisar a solidão nas suas diferentes modalidades com base em conceitos psicanalíticos fundamentais. Isso não só foi necessário, como provou ser uma estratégia fecunda para mostrar como a solidão se encontra vinculada aos principais processos do psiquismo humano.

Esses circuitos não esgotam o estudo das solidões. Por motivos de abrangência, muitas solidões, como a do estrangeiro, dos excluídos, deficientes, artistas, gênios, doentes terminais, velhos etc. não foram trabalhadas. Acredito na fertilidade da ideia dos circuitos que aponta para metapsicologias regionais, um dos destinos, em minha perspectiva, para a investigação psicanalítica sair dos grandes modelos e investigar regiões da subjetividade valendo-se de instrumental metapsicológico disponível ou desenvolvendo novos conceitos, quando os que estão a nosso dispor não dão conta do fenômeno.

No quarto e último capítulo, “Solidão e mal-estar”, procuro retomar o duplo aspecto do trabalho: o psicanalítico imbricado no social. Busco compreender alguns modos pelos quais, em nossos dias, a solidão se agudiza e demanda respostas urgentes dos indivíduos. Recorro à noção freudiana de desamparo para compreender a angústia do sujeito contemporâneo e me apoiei nas análises de Giddens, Lasch e Sennett, entre outros, para compreender algumas características do atual desenvolvimento da sociedade e alguns modos de subjetivação nela vigentes, como sociedade do espetáculo e narcisismo. Na análise sobre o mal-estar na contemporaneidade, destaquei a retomada por Joel Birman da noção freudiana de gestão do desamparo, do pensamento de Winnicott, suas ideias sobre localização da experiência cultural, ambas referências importantes para compreender o indivíduo nas culturas.

Esse aspecto permitiu um retorno para a psicanálise com um instrumental rico e consistente que poderá auxiliar como agenda futura para novas pesquisas e para uma singularização da clínica das solidões.

Se este livro estimular novas pesquisas sobre o tema e, para aqueles que fazem da psicanálise sua inquietação e ofício, despertar uma memória sonhante, capaz de ativar um potencial evocativo para a função analítica, estarei satisfeito.

Este trabalho propiciou a oportunidade de me deparar ao longo das trilhas com muitos caminhantes solitários; personagens literários, autores e pacientes. Alguns se farão presentes no decorrer deste escrito, muitos outros estimularam meu pensamento, mas não constarão explicitamente no trabalho. Estive com eles, ouvi suas histórias, mergulhei em algumas como se fossem minhas, outras resultaram-me distantes, mas não menos intrigantes. Convido você, leitor, a transitar por algumas dessas paragens solitárias, mas nada desoladas, da subjetividade.



A valorização extrema da individualidade, a competição acirrada, a flexibilização das relações de trabalho e a precarização dos laços sociais contribuem para a fragmentação do indivíduo, tornando-o cada vez mais isolado em sua busca por sucesso e reconhecimento. Nesse contexto, *Circuitos da solidão* não se propõe a oferecer apenas um panorama abrangente da solidão: pode se tornar uma ferramenta clínico-teórica para refletir sobre as profundas transformações em curso e os desafios impostos pela experiência coletiva de isolamento e perda.

Bernardo Tanis

Mais do que eliminar as experiências de solidão, negando-as, disfarçando-as, vendo nelas apenas o sofrimento e a dor e não lhes reconhecendo uma dimensão positiva do humano, mais do que expulsá-las, trata-se, ao contrário, de retirar a solidão... do isolamento. Em uma civilização que reúne os traços contraditórios do caráter de massa e do ultraindividualismo, já há nisso algo de profundamente terapêutico.

Luis Cláudio Figueiredo

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2625-3

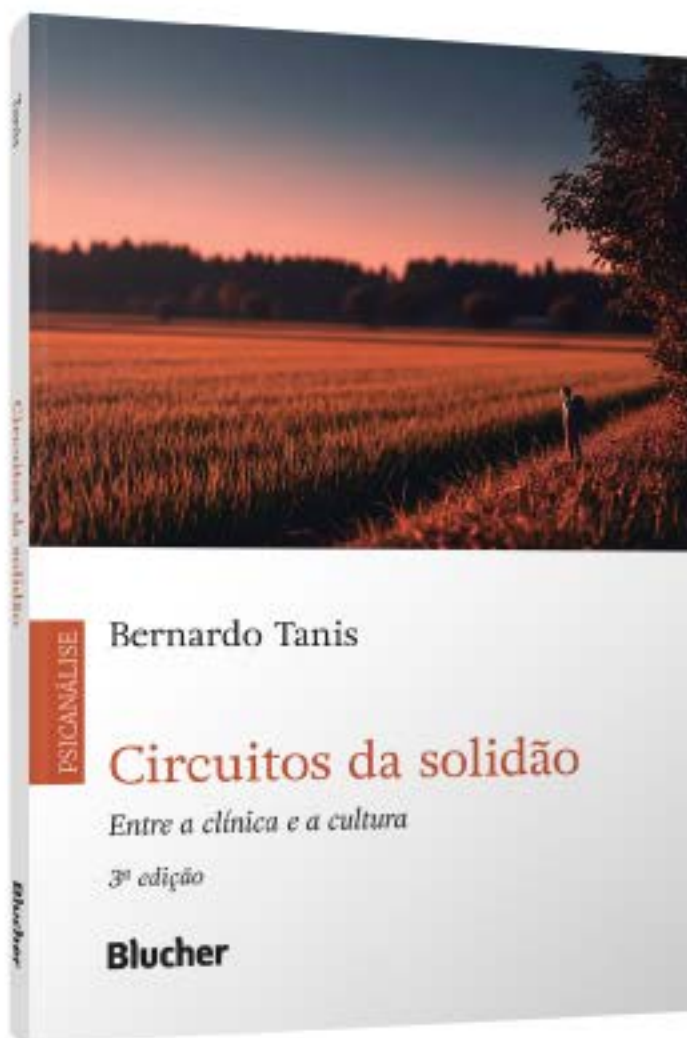


9 788521 226253



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Circuitos da solidão

Entre a clínica e a cultura

Bernardo Tanis

ISBN: 9788521226253

Páginas: 184

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025
